

Lastro e rastro

Myriam Ávila

Vou tecer aqui algumas considerações sobre a correspondência de escritores a partir de um conjunto de dez cartas trocadas entre Murilo Rubião e Ana Hatherly, de 1968 a 1974, e apresentadas muito gentilmente a mim por Cléber Cabral.¹ Não se trata da correspondência completa: há outras cartas que poderiam integrar-se ao conjunto. Este fato, por si só, já é digno de reflexão: pode-se considerar completa uma correspondência? Até que ponto o panorama que a correspondência completa oferece permite ver a integralidade de uma interlocução? Não restará sempre algo a completar, algo que escapa, um telefonema, um encontro não mencionado, um dado contextual que falta, a percepção de um entorno maior que condiciona a troca de cartas – e sussurra entre suas linhas – mensagens fora da compreensão do pesquisador?

A carta, por sua natureza física palpável, representa um bem-vindo lastro para a pesquisa biográfica. Permite ancorar a imaterialidade incômoda dos nossos estudos em alguma coisa de comprovável, de sólido, historicamente determinável, contrabalançando o lado especulativo, sempre insuficiente, dos nossos relatórios e artigos. É confortável trabalhar com a carta, seguir protocolos de inventariação e arquivamento. Nenhum de nós se ilude, entretanto, quanto à natureza elusiva das mesmas cartas. Principalmente, porque o pesquisador não é o único a sentir a dificuldade de “agarrar essa estrela cadente”, para lembrar o verso de John Donne. As cartas são um terreno movediço até mesmo para seu remetente e destinatário. O que diz, de fato, uma carta? O que ela diz para quem a recebe? O que ela diz no momento em que é escrita, no instante de sua primeira leitura, em uma leitura retroativa?

As dez cartas da correspondência Rubião/Hatherly demonstram exemplarmente esse deslizamento de significados. A escritora portuguesa explicita o desconforto gerado pela evanescência própria da carta: “Termino aqui com a sensação de lhe não ter dito nada, de continuar a não corresponder” (7 de novembro de 1969). A correspondência, portanto, é marcada pela dificuldade de corresponder. Se prestarmos atenção, veremos que o motivo que domina as dez cartas,

¹ As cartas se encontram no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

avalizadas de imediato por sua materialidade, é o adiamento: trata-se nelas sempre de algo por fazer, um texto ou livro por enviar, algo por publicar, uma promessa constantemente adiada, emblemas do inexistente inseridos na tópica reiterada do desencontro. Como exclama Rubião: “São tantas as cartas que lhe devo e tantos os desencontros!” (5 de julho de 1969). Já no ano anterior, Murilo comentara o triplo desencontro ocorrido durante a estada de Ana Hatherly no Brasil: “Também lamentei o nosso desencontro: Belo Horizonte, Ouro Preto. O último em Brasília, que lá cheguei no dia seguinte de sua partida” (10 de outubro de 1968). No entanto, Hatherly comenta, em resposta (2 de novembro de 1968), que ficara “imensamente feliz por ter tido a oportunidade” de conhecê-lo. Qual terá sido então a natureza desse desencontro? (Uma carta se segue um mês após a outra, o que faz supor que não houve nenhuma entre elas).

Outros deslocamentos inexplicáveis emprestam um caráter indecível a essa correspondência. Na primeira carta, tendo lido o texto poético *O mestre*, da escritora portuguesa, Rubião comenta: “Tenho a impressão que poderia amar a discípula, eu que já fui professor e nunca mestre. Também meu pai, velho professor da Língua, e mau poeta”. A frase resulta ambígua, indecível: o velho Rubião também poderia amar ou também não foi mestre? Como se encaixa aí esse pai trazido, inesperadamente, à cena, quase como um anteparo ao filho? Já na terceira carta, que trata da vinda próxima de Ana Hatherly ao Brasil, Murilo lhe pergunta se virá em abril, “na primavera”. A primavera aí é a europeia e Murilo demonstra estar se deslocando, em memória, à Espanha onde morara. É como se, vindo ao Brasil – onde seria outono –, Hatherly o remetesse ao continente de partida. É a encenação de um novo desencontro: ela vindo, ele indo.

Intrigante também é o deslizamento provocado pelo significante “escrita” nas cartas. Logo no início da correspondência, a primeira frase de Murilo é: “Ainda não posso escrever-lhe”, uma verdadeira contradição performativa. A intenção retórica dessa frase se explicita no terceiro parágrafo, onde é reiterada: “Ainda não posso escrever-lhe, repito”. E se transforma em promessa logo em seguida, revelando-se claramente como estratégia argumentativa no próximo parágrafo: “Escreverei”. A carta que não é escrita, pois não passa de “umas linhas”, é, portanto, elaborada e pensada como peça de estilo ao mesmo tempo em que se entende como um bilhete traçado às pressas.

Em outra carta, Murilo se declara um escritor sem obras publicadas, que lista como três novelas e dois livros de contos. Da mesma forma que a carta que, tendo sido escrita, não o tinha sido, a inexistência de uma obra não publicada tinge de precariedade a escrita e se transforma quase em *leitmotiv* da correspondência

na qual, em certo ponto, se trata de um artigo escrito por Hatherly sobre Rubião que ela está impossibilitada de publicar. Ou do desaparecimento de todas as fotos e desenhos do suplemento (do *Minas Gerais*) especial dedicado à literatura portuguesa, o que atrasa e inviabiliza sua publicação. Paira sobre todas as menções à escrita uma sensação geral de precariedade. O capítulo das doenças, tanto em uma como no outro, as apresenta como empecilhos à escrita das cartas que (e isso é uma constante em todo tipo de correspondência de escritores) sempre deveriam ser mais numerosas e frequentes, sempre configuram uma falha, uma falência, um falimento.

Essas camadas de deslizamentos e indecidibilidades podem ser vistas como uma demonstração da gramatologia derridiana, embora o caráter exemplar da correspondência Hatherly/Rubião não a distinga como singular com relação a outras correspondências de outros escritores. Uma correspondência é sempre um rastro, no sentido derridiano: literalmente, uma cadeia de remetimentos em que os significados nunca se estabelecem de todo, haja vista os recorrentes mal-entendidos entre remetentes e destinatários. É patente que a leitura de uma correspondência por terceiros só fará proliferar os pontos indecidíveis dessa conversa mediada pela escrita, caracterizando-a como sistema aberto, em constante movimento.

A escrita, aponta Derrida² a partir de uma passagem de Rousseau, é um lugar de eclipse da presença em prol do valor. Rousseau “escolheu *ser ausente e escrever*”:

Eu amaria a sociedade como qualquer outro se não estivesse certo de me mostrar, não só com desvantagem, mas também completamente outro do que sou. A decisão que tomei *de escrever e de me esconder* é precisamente a que me convinha. Eu presente, não se teria jamais sabido o que eu valia.³

Starobinski comenta: “[Rousseau] Arranjará e rearranjará suas frases à vontade, protegido pela solidão”.⁴

Se a escrita, confessional ou não, será sempre esse suplemento, essa “outra coisa” que aparece onde uma coisa já não pode estar, não como seu índice, mas

² DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 175.

³ STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: la transparence et l'obstacle*. Paris: Gallimard, 1971, apud DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*, p. 175.

⁴ *Ibid.*, p. 175.

como índice de sua falta, a carta é a forma emblemática da escrita como suplemento. Ali é preciso sempre primeiro promover a distância para que o contato se carregue de valor.⁵ Os desencontros quase programáticos entre Murilo Rubião e Ana Hatherly encenam o deslocamento “em *différence*” que dá significância às cartas, cujos significados permanecem indecidíveis.

Estar presente em uma conversa face a face é, diz Rousseau, mostrar-se completamente outro do que se é. Somente o ritmo e a disposição das frases na escrita podem representar com fidelidade o valor de quem escreve. Somente o tempo diferido entre escrita e leitura da carta, tempo sempre incerto, sempre outro, permite à pose remeter-se a um futuro em que se cristalizará em retrato. Na correspondência Rubião/Hatherly, os biombos que se interpõem à culminação da escrita, que é a publicação, apontam para um futuro sempre diferido, que suprirá um passado sempre em falimento. Esses biombos são, em diferentes momentos, o pai que falhou em ser mestre, as ilustrações que desaparecem, as intrigas do meio literário, as doenças, a falta de tempo, os outros escritores mencionados (Marques Rebelo, Dirceu Xavier, Manuel de Lima, Roberto Drummond) etc. Porém, eles não coincidem de parte a parte, quase nunca são levados em conta pelo interlocutor, que, como diz Hatherly, não “corresponde”, deixando cair no vazio a maioria das informações compartilhadas. Há uma compreensão tácita do que ali é o objeto nunca explicitado, oculto pelos biombos: a imagem de escritor que se constrói para o outro escritor. Outras histórias, como a da “brincadeirinha portuguesa em loja”, cujo recebimento Murilo não acusou, ou a da “quase noiva”, professora de Histologia, que teria sido culpada pela doença de Murilo, caso ele tivesse um câncer, são tomadas como molduras dessa imagem em construção, como signos de literariedade, que não precisam ser retomados na carta de retorno.

A correspondência entre escritores, ou devo dizer, toda correspondência, começa sempre *in media res*. Há casos em que uma primeira carta é uma carta de apresentação e parece apontar, de fato, para uma origem. Ainda assim, é sempre já algum fato anterior que a provoca, como na primeira carta do rapazote Joaquim Nabuco a Machado de Assis, desencadeada por um comentário crítico de Machado sobre poema do jovem aspirante a escritor. A carta de Nabuco a Machado fala da intenção do rapaz de encerrar uma carreira não iniciada. Em outras cartas de jovens a escritores consagrados, há também um tom

⁵ Lembre-se aqui a colocação de Kaufmann de que a carta “produz uma distância graças à qual o texto literário pode sobrevir”. Cf. KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Minuit, 1990. p. 8, apud GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: FCRB: Ministério da Cultura. 2004.

suicida, no sentido de que o remetente insinua, com arrogância própria da idade, que poderia muito bem passar sem o mestre, embora tenha tomado a iniciativa de procurá-lo. A correspondência em que se quer marcar uma origem parece incluir frequentemente a ideia de um término. Essa, em geral, não progride ou progride pouco.

A conversa entre Murilo e Ana Hatherly é toda voltada para o futuro e começa (não posso afirmar definitivamente que se trata da primeira carta) com “ainda não posso escrever-lhe”. É também uma conversa em trânsito, na qual principalmente Murilo faz questão de marcar os deslocamentos: “estou regressando”, “seguirá esta de Belo Horizonte” (embora seja escrita em Ouro Preto). (Leve-se em conta de que se trata de deslocamentos sem qualquer importância para a destinatária.) Trata-se, como na gramatologia de Derrida, de uma “desconstrução da presença”.⁶ Não se entende, nessa conversa, “o ser como presença e o sentido da linguagem como continuidade plena da fala”. Se Hatherly está sempre na iminência de vir e Murilo nunca está lá, também os significados estão em processo. Como coloca Rafael Haddock Lobo a respeito de Derrida, pode-se dizer que nessas cartas “a relação de significação aproxima-se muito mais, em vez de um acesso às coisas em si mesmas, a uma espécie de rastreamento, como se trilhássemos as pistas de um animal, sem saber nem quando nem se, de fato, ele esteve presente em tal sulcamento da terra”.⁷

Em contraste com essa produção *in progress* de sentidos, vozes e imagens de difícil apreensão, surge a concretude da carta demarcada, documentada, datada, assinada e carimbada como objeto arquivável, em um contraponto quase irônico. Se correremos o risco de nos perdermos no jogo das significações, o controle arcôntico sobre a coleção epistolar restaura a confiança do pesquisador. Carolyn Steedman discorre sobre a diferença do olhar filosófico derridiano e da visão dos historiadores sobre o arquivo, esta última marcada pela “banalidade, a natureza nada notável” dos repositórios de documentos e pelas decepções que neles esperam os historiadores. Steedman acrescenta, com ironia, que “Há uma espécie de surpresa nessas reações, em encontrar aí algo muito menos portentoso, difícil e significativo do que o uso que Derrida faz do conceito pareceria prometer”. Prossegue a autora: “Sua ansiedade [dos historiadores] é mais precisa e

⁶ DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*, p. 86.

⁷ LOBO, Rafael Haddock. A desconstrução. *Revista CULT*, n. 195, out. 2014. Dossiê Derrida. Disponível em: <https://evsmanhoso.wordpress.com/2014/10/24/a-desconstrucao>. Acesso em: 24 out. 2014.

mais prosaica”.⁸ Tem a ver com a dificuldade de encontrar o prédio do arquivo aberto no dia tal, de processar um certo número de documentos quando só se tem um dia a mais de permanência na cidade, com o esforço de fazer cópias e transcrever originais. Ela lembra ainda que Christopher Norris recomendava aos historiadores não se meterem com a desconstrução, procedimento que julgava incapaz de ajudá-los a lidar com seus documentos. Afinal, alertas como os de Hayden White sobre a relevância dos modos de narrar a história nunca chegaram a abalar a “performance diária e obstinada de positivismo”⁹ dos praticantes dessa disciplina.

A preocupação de Norris com o poder deletério da desconstrução não decorre, a meu ver, apenas da natureza desta e daquela disciplina. Como argumenta Steedman, mesmo munido de comprovação documental extensa, o historiador percebe, ao tentar dar um sentido – uma organização – aos documentos, que estes não lhe trazem o passado como ele teria sido, mas apenas uma poeira do passado (a palavra poeira é uma metáfora operacional em Steedman):

Não nos causaria nenhuma surpresa o fato de que a desconstrução não ocasionou nenhuma mudança nesse tipo de escrita. A busca da nostalgia do historiador pelas origens e pelos referentes originais não pode ser encenada justamente porque não há nada lá: só ausência, o que foi antes: poeira.¹⁰

Mais nos surpreenderia verificar que também no âmbito da filosofia a questão da pesquisa empírica é um problema. Como fazer a crítica radical da cultura sem o conhecimento preciso da realidade empírica? A questão ocupou, por exemplo, Horkheimer, Habermas e Adorno. Este último conclui, a respeito, que as investigações empíricas não fornecem chaves e devem resultar idealmente em conhecimento teórico. A teoria, por outro lado, não pode também ser apenas um veículo “que se tornaria supérfluo logo que se dispusesse de dados”.¹¹ Rodrigo

⁸ STEEDMAN, Carolyn. Something she called a fever: Michelet, Derrida, and dust. *American Historical Review*, vol. 106 (4): 1159-1180, 2001.

⁹ STEEDMAN, Carolyn. Something she called a fever, p. 1160.

¹⁰ STEEDMAN, Carolyn. Something she called a fever, p. 1161.

¹¹ ADORNO, T.W. et alii. *Der Positivismusstreit in der Deutschen Soziologie*. Damstadt/Neuwied: Luchterhand, p. 44, apud DUARTE, Rodrigo. À procura de uma indução especulativa - filosofia e pesquisa empírica. *Psicologia & Sociedade*, 13 (2), p. 34-48, jul./dez. 2001. p. 47.

Duarte¹² (2001) vê nos frankfurtianos uma proposta de síntese via a noção de “indução especulativa”, em que se parte dos dados para uma discussão mais abstrata de uma problemática.

Para os teóricos da literatura que se voltam preferencialmente para a pesquisa em arquivo, não parece haver uma passagem sequencial do documento à teoria. A teoria será, sim, sempre provocada pelas descobertas dos vestígios materiais do passado, mas não representará uma meta. O pesquisador oscilará, antes, em incessante movimento pendular entre o “amor tátil” (Caetano Veloso) e a especulação teórica, ambos inexoravelmente vividos como presente, não como passado. Temos os mais representativos resultados quando a pesquisa lida com originais sem a nostalgia da origem. E acolhe o lastro da materialidade sem apagar o rastro que os signos não conseguem materializar.

As cartas de Murilo Rubião e Ana Hatherly nos remetem a um espaço em construção. São, no seu estatuto de documentos, testemunhas de algo que se deu no passado, mas o que testemunham não é um estado do mundo, não é o vivido: é o pretendido, o sonhado, a hesitação, a projeção: um teatro de sombras de que as folhas arquivadas são apenas o palco.

* * *

CORRESPONDÊNCIA ENTRE MURILO RUBIÃO E ANA HATHERLY

Cartas depositadas no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais

1. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Ouro Preto, setembro de 1967 – datilografada, assinada a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)

Comenta romance de Ana Hatherly. Menciona a próxima vinda da escritora a Belo Horizonte.

2. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 20 de novembro de 1967 – datilografada, assinada a caneta vermelha. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)

¹² DUARTE, Rodrigo. À procura de uma indução especulativa - filosofia e pesquisa empírica, p. 47.

Problemas de saúde. Promete publicação de trabalho em dezembro. Menciona vinda próxima da escritora a Belo Horizonte.

3. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 1968 – datilografada, assinada e corrigida a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (2 páginas numeradas)

Pede desculpas pelo silêncio. Agradece envio de livros. Pede envio de fotografias, informações biográficas, contribuições inéditas.

4. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 10 de outubro de 1968 – datilografada, assinada e corrigida a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)

Informa ter enviado fotos e dados biográficos. Problemas de saúde. Promete publicação de número especial do Suplemento sobre portugueses. Lamenta desencontro.

5. Ana Hatherly a Murilo Rubião – Lisboa, 3 de novembro de 1968 – manuscrita a caneta. Papel azul. (frente e verso).

Acusa recebimento do material enviado, promete artigo sobre MR a ser publicado no Jornal de Letras e Artes. Comenta humildade de MR, apesar de grande escritor. Envia livros por portador (Dirceu Xavier).

6. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 22 de janeiro de 1969 – datilografada, assinada e com adendo a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)

Carta oficial, em nome da Comissão de Redação. Pede colaboração, a ser remunerada “à base de Ncr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros novos)”. Adendo manuscrito em tom pessoal mencionando atraso de publicação e problemas de saúde.

7. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 25 de janeiro de 1969 – datilografada, assinada e com correção a caneta. Papel sem timbre. (1 página)

Acusa recebimento e comenta livros enviados. Pede desculpa por silêncio motivado por problemas de saúde. Explica atraso de publicação sobre literatura portuguesa. Pede mais colaborações.

8. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 5 de julho de 1969 – datilografada, com despedida a caneta na margem. Papel sem timbre. (1 página)

Problemas de saúde, mudança de endereço. Agradece cartas e livro. Comenta intrigas no meio literário lisboeta que impediram publicação de artigo de AH sobre MR. Projetos de publicação.

9. Ana Hatherly a Murilo Rubião – Lisboa, 7 de novembro de 1969 – datilografada. (1 página)

Desculpas pelo silêncio. Problemas de saúde. Intrigas contra ela continuam. Não sabe se MR recebeu “brincadeirinha portuguesa em loiça” enviada. Agradecimentos por publicação.

10. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 10 de julho de 1973 – datilografada, assinatura a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)

Lamenta falecimento da filha de AH. Envio de livro mimeografado. Pede opinião sobre Roberto Drummond. Promete enviar livros seus logo que sejam lançados.

11. Murilo Rubião a Ana Hatherly – Belo Horizonte, 13 de abril de 1974 – datilografada, assinatura a caneta. Papel timbrado do Suplemento Literário do Minas Gerais. (1 página)